

COMENTÁRIO A “OUTROS INCONSCIENTES: DESCONSTRUINDO A TRANSLUCIDEZ DA CONSCIÊNCIA SARTRIANA”

*Alberto Marcos Onate*¹

Referência do artigo comentado: ALT, F. Outros inconscientes: desconstruindo a translucidez da consciência sartriana. **Trans/form/ação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 4, p. 193-212, 2021.

Destaco, inicialmente, um aspecto positivo e dois aspectos negativos, no âmbito geral da abordagem adotada no artigo de Alt (2021): 1) A assunção, enquanto fio condutor da análise, tanto de maneira explícita quanto implícita, da noção de pré-reflexividade; 2.1) Dispersão de textos sartrianos mencionados e/ou citados, compreendendo de maneira uniforme escritos de momentos díspares do conjunto da obra filosófica do pensador francês; 2.2) Dispersão de intérpretes e/ou filósofos mencionados e/ou citados, abrangendo um leque temático excessivo, em relação ao requerido pelo assunto proposto no artigo.² Trata-se de escolhas expositivas legítimas enquanto tais, mas que, no meu entender, comprometem a profundidade e a fecundidade filosóficas do que é efetivamente relevante e/ou irrelevante, na concepção sartriana de consciência/inconsciência, reflexividade/irreflexividade/pré-reflexividade.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutor (2007) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professor aposentado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE-PR), Toledo, PR – Brasil.  <https://orcid.org/0000-0002-9820-1315>. E-mail: am.onate@uol.com.br.

² Aspectos assinalados na avaliação do artigo e desconsiderados pela sua autora.

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n4.15.p213>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Em complemento à *análise de sobrevoos* (parafrazeando Merleau-Ponty) desenvolvida no artigo, atendo-me à obra *A transcendência do ego* e à conferência *Consciência de si e conhecimento de si*, bem como à valiosa introdução redigida pelo tradutor do livro e da conferência ao português de Portugal, visando a mostrar que a pré-reflexividade não instaura “outros inconscientes”, como sustenta a articulista, mas constitui um grave contrassenso da filosofia sartriana e da tradição pensante em geral.³

Subintitulada *Esboço de uma descrição fenomenológica, A transcendência do ego*,⁴ pretende evidenciar que “[...] o *ego* não está na consciência nem formal nem materialmente: ele está fora, *no mundo*.” (SARTRE, 1994b, p. 43). Encetando sua abordagem pelo *eu penso* kantiano, o pensador francês logo se dirige ao exame da noção husserliana de consciência transcendental, entendendo “[...] que o tipo de existência da consciência é o de ser consciência de si. E ela toma consciência de si *enquanto ela é consciência de um objecto transcendente*”⁵ (SARTRE, 1994b, p. 48), sendo tal consciência desprovida de qualquer egoidade, ao contrário do que defendia o pensador alemão. O principal equívoco husserliano (bem como, *mutatis mutandis*, cartesiano e kantiano) decorreria do privilégio atribuído a “[...] uma operação reflexiva, [...] uma operação de segundo grau” (SARTRE, 1994b, p. 50), na qual a consciência se tornaria objeto de si própria, mediante um ato tético da consciência refletinte (de segundo grau) em relação à consciência irrefletida (de primeiro grau). O resultado dessa dupla operação consciencial é a instauração do *mim* (*moi*), enquanto polo dos estados conscienciais, com seu sucedâneo *eu* (*je*), enquanto polo dos atos conscienciais.

Sartre fornece exemplos dessa consciência irrefletida, a qual, a seu ver, foi obliterada pelo(a)s pensadore(a)s que o antecederam: 1) A absorção na leitura dum texto; 2) A corrida atrás dum veículo de transporte, cujo horário de chegada se descurou; 3) A contemplação dos detalhes dum retrato etc. No contexto do ataque às teorias defensoras duma presença material do *mim* em qualquer consciência, o filósofo francês formula teses que reputo decisivas, no tocante aos conceitos em discussão:

³ Considerando os limites quantitativos estipulados pela revista para um comentário, serei o mais conciso possível.

⁴ Redigida em 1934, durante a permanência de Sartre em Berlim, visando a aprofundar-se no pensamento de Husserl, e publicada inicialmente em francês, na revista *Recherches philosophiques* de 1936-1937.

⁵ Mantenho o vocabulário português de Portugal, por fidelidade ao tradutor.

Mesmo se o inconsciente existe, a quem se poderia fazer crer que ele encerra espontaneidade de forma reflectida? A definição do reflectido não é o ser ele posto por uma consciência? Mas, além disso, como admitir que o reflectido é primeiro em relação ao irreflectido? Sem dúvida, pode conceber-se, em certos casos, que uma consciência apareça imediatamente como reflectida. Mas mesmo então o irreflectido tem prioridade ontológica sobre o reflectido, porque ele não tem de nenhum modo necessidade de ser reflectido para existir e porque a reflexão supõe a intervenção de uma consciência de segundo grau. Chegamos, portanto, à seguinte conclusão: a consciência irreflectida deve ser considerada autônoma. É uma totalidade que não tem necessidade nenhuma de ser completada. (SARTRE, 1994b, p. 57).

Na conferência *Consciência de si e conhecimento de si*,⁶ o pensador francês reexamina e aprofunda esse âmbito conceitual-argumentativo. O cerne refere-se à possibilidade duma filosofia fundada no *cogito*, seja na versão cartesiana, husserliana, numa conexão ou mudança delas segundo parâmetros mais convincentes, ou, como último recurso, no abandono do *cogito* enquanto ponto de partida filosófico. O encaminhamento sartriano, desdobrado num fecundo campo conceitual e argumentativo, inviável de se recuperar nos limites deste comentário, parece-me bem condensado em certo momento da *Apresentação* da conferência: “4. Apenas o *cogito* pré-reflexivo fundamenta os direitos do *cogito* reflexivo e da reflexão. É a partir dele que se poderá formular o problema ontológico da aparição da consciência reflexiva e o problema lógico dos seus direitos a ser tida como apodíctica.” (SARTRE, 1994c, p. 87).

Após a conferência, na sessão de perguntas, a última delas, e a mais relevante para nossa esfera temática, é posta por Hyppolite: “Será que a reflexão é, tal como o progresso, suscitada pela reflexão não-tética de si?” à qual o conferencista responde:

Não, trata-se de uma mistificação que vem desde a origem, mas no sentido de que a consciência irrefletida produz a consciência reflexiva como recuperação dela mesma. A consciência reflexiva é um esforço de saída e, ao mesmo tempo, de abarcamento da consciência por ela mesma. Ela não o consegue [...] (SARTRE, 1994c, p. 130).

Antes disso, o conferencista já respondera de maneira incisiva à indagação de Salzi, realçando a inutilidade da noção de inconsciente: “Trata-se de uma ilusão dos psicanalistas.” (SARTRE, 1994c, p. 124). De modo breve, esta é a posição sartriana resgatada sem dispersão.

⁶ Proferida em 2 de junho de 1947, na Sociedade Francesa de Filosofia e cuja ata da sessão consta de *Boletim* da referida sociedade.

Como arremate, sumário o essencial da apresentação crítica realizada pelo tradutor dos textos sartrianos, Pedro Alves, cujo título modesto *Irreflectido e reflexão. Observações sobre uma tese de Sartre*, nos reserva uma análise de grande rigor e alcance. Um dos núcleos do exame crítico por ele desenvolvido concerne à hierarquia sartriana que subordina a reflexividade à irreflexividade ou pré-reflexividade, mediante indagações radicais inspiradas no horizonte fenomenológico husserliano:

Pode o irreflectido ser entendido, à maneira de Sartre, como um nível absolutamente autónomo em relação à reflexão? Pode sequer a reflexão ser apresentada como um *segundo acto* que se vem simplesmente acrescentar à vivência irreflectida? Que é que exprime a verdadeira natureza da consciência: o *facto* de ela ser consciência imediata de objectos ou o *princípio* teleológico de ela tender para uma plena consciência de si? (ALVES, 1994a, p. 20-21).

Entendendo-se a fundo a noção husserliana de intencionalidade, como o faz Alves, ao dizer “[...] nada há na consciência *que não seja* consciência, ela está toda contida na sua relação ao objecto intencional, tudo nela é *acto*, não havendo aí nada semi ou inconsciente [...]” (ALVES, 1994a, p. 18), não se aquiesceria mais de maneira incauta a *outros inconscientes*, quer formulados por Sartre, quer por quaisquer outro(a)s pensadore(a)s.

REFERÊNCIAS

ALT, F. Outros inconscientes: desconstruindo a translucidez da consciência sartriana. **Trans/form/ação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 4, p. 193-212, 2021.

ALVES, P. M. S. Irreflectido e reflexão. Observações sobre uma tese de Sartre. *In*: SARTRE, J-P. **A transcendência do ego seguida de Consciência de si e conhecimento de si**. Tradução e introdução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Colibri, 1994a.

SARTRE, J-P. A transcendência do ego. *In*: SARTRE, J-P. **A transcendência do ego seguida de Consciência de si e conhecimento de si**. Tradução e introdução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Colibri, 1994b.

SARTRE, J-P. Consciência de si e conhecimento de si. *In*: SARTRE, J-P. **A transcendência do ego seguida de Consciência de si e conhecimento de si**. Tradução e introdução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Colibri, 1994c.

Recebido: 25/3/2021

Accito: 03/4/2021